Pseudônimo: W Falconi

Título da Obra: Fogo no Céu

Texto: Tudo aconteceu muito rápido. Não importa a quantidade de explicações que eu dê para as pessoas, absolutamente ninguém acredita em mim. Eu entendo, no fundo eu sei que parece loucura, admito isso. Minhas últimas semanas foram um inferno, saindo tarde do trabalho todo dia, com banco de horas intermináveis e demandas inalcançáveis no serviço. Mas eu tenho contas para pagar e a mistura está muito cara, isso sem colocar na ponta do lápis o aluguel e demais gastos. Vida de pobre é foda. Só me resta trabalhar e trabalhar e trabalhar.

Na terça-feira da semana passada, lá estava eu saindo às 23:50 da empresa, como nos últimos vinte e cinco dias. Desde que completei um mês no depósito Anhanguera e Cia Construções, tenho feito hora extra dia sim e dia também, a pedido do meu chefe. Na minha atual situação, é impossível dizer não naquele lugar mesmo com minha coluna alcançando diariamente novos níveis de dor e meus braços e pernas dilacerados. Caí em cima do assento no ponto de ônibus metalizado e por um momento escutei a superfície do banco tinir, eu só precisava encostar em algum lugar. Depois de fechar os olhos por alguns segundos, respirei fundo e tentei achar uma posição confortável, até que notei a presença de uma pessoa sentada do meu lado esquerdo. Uma mulher, talvez com seus 60 e poucos anos de idade, com um véu marrom na cabeça e roupas típicas de senhorinhas da missa de domingo. Cada piscada que eu dava me exigia um esforço tremendo para ficar acordado devido à exaustão, não podia cair no sono ali, o meu ônibus era o último da linha, se perdesse ele teria que dormir na rua. Quando senti que iria ser tomado pelo sono, escutei uma voz rouca e baixa, quase um sussurro vir da mulher:
- É o fogo… fogo meu 'fio'…céu…

Assustei com a voz arranhando meus ouvidos e abri os olhos tão rápido quanto os tinha fechado, estava em uma sonolência que quase se confundia com uma embriaguez. Minha mochila havia caído no chão junto com meu celular, peguei ele e fui logo verificar se tinha danificado a tela, tudo normal. Olhei para o lado e notei que a senhorinha mantinha as mãos juntas, como se estivesse rezando, com muita dificuldade percebi que estava segurando algo, parecia um colar com várias bolinhas pequenas e uma cruz na ponta. A voz rouca então voltou a falar:
- É o fogo… fogo… fogo 'vinu' no céu…

Não sei dizer o motivo, mas escutar aquilo me fez acordar, meu coração começou a palpitar tanto que por um momento achei que iria ter um treco, minhas mãos tremiam, da minha testa minava suor. Em poucos segundos, o sono voltou com tanta força que não lembro de mais nada, acho que foi nessa hora que desmaiei. Quando acordei, me vi no ponto de ônibus e estava apavorado. Acabei, por acidente, chutando minha mochila que tinha permanecido no chão. Tateei bolsos da calça buscando meu celular para saber as horas. A possibilidade de ter que dormir na rua me deixava ainda mais ansioso, a avenida era deserta e escura demais, alguns colegas já tinham relatado assaltos naquele ponto de ônibus, eu só conseguia imaginar se eu seria mais uma manchete dos jornais matinais, que sofreu as mazelas da violência urbana. Minhas mãos tremiam tanto que quase não consegui desbloquear a tela do celular, mas para meu alívio ainda era 00:22, meu ônibus passaria em quinze ou vinte minutos. Mesmo mais tranquilo, a sensação de medo e incômodo ainda faziam minha cabeça latejar. Senti a garganta seca e árida, minha garrafa de água estava zerada. Eu não queria voltar para a portaria da empresa para pedir água ao segurança, minhas pernas estavam formigando de dor. Tudo que eu queria era chegar em casa e tomar um banho. Como que por reflexo, olhei para o lado e percebi que a senhorinha tinha desaparecido, mas, o colar com bolinhas e cruz ainda estava sobre o assento. Senti um calafrio quando olhei para aquele negócio, nunca fui muito religioso, mas de um jeito esquisito eu senti que eu precisava tocar nele, eu não sei dizer o que passava na minha cabeça naquele momento, mas eu simplesmente fiz. Assim que meu indicador encostou em uma das contas, eu perdi completamente o controle do meu próprio corpo que ficou paralisado.

Uma onda de choque tomou conta de mim e foi tão forte que fez eu me mijar, o xixi escorria entre minhas pernas, a calça molhada e o terror… o terror foi insuportável. Era como se um milhão de facas cortassem meu corpo ao mesmo tempo durante uma queda livre interminável ao mais profundo e escuro abismo. Eu senti meus olhos arderem, mas eu não conseguia enxergar nada, tudo virou escuridão, não era preto e nem era uma falta de luz, era como se eu tivesse perdido a noção de tudo o que existe, tudo o que eu já vi. Não havia lembranças de formas e nem as cores existiam na minha mente, só havia o terror. Mexi a cabeça, como se procurasse por algo, mas, sem saber exatamente o que. E enquanto flutuava na inexistência, eu pude ver. Fogo… fogo no céu.

Fagulhas dançando no meio do nada, chamas que cresciam, iam e vinham. A figura de duas serpentes de fogo, com movimentos delicados e coreografados. Elas chegaram bem perto de mim, suas cabeças chatas, suas línguas partidas ao meio, os chifres tão belos que pareciam

arder mais que o restante de seus corpos. É irônico lembrar que eu senti um frio intenso, meu corpo todo adormeceu. Já segurou uma pedra de gelo nas mãos por mais de dois minutos? Primeiro a dormência, depois o formigamento e então a sensação de queimadura extrema. Por um momento achei que estava morto ou que morrer poderia ser aquilo, o vislumbre do indescritível em meio a solidão devoradora.

O som ensurdecedor da buzina do ônibus e a luz ofuscante dos faróis me trouxe abruptamente para a realidade. Meu ônibus ali, bem próximo, quase chegando no ponto. O peito doía de tanto o coração bater, senti o cheiro que vinha das minhas calças e da roupa coberta de suor e poeira. Uma súbita vontade de chorar veio à tona, estava enxergando de novo. O cansaço estava muito pior do que antes, eu me sentia confuso, assustado, mas recobrar a consciência me dava conforto. Tive que pedir milhões de desculpas pelo mal cheiro ao motorista, ele não gostou nenhum pouco da minha situação e pediu pra seguir a viagem em pé, o constrangimento me fez querer chorar, mas eu só balancei a cabeça e concordei. Quando o ônibus começou a seguir viagem, dei uma última olhada para o ponto de ônibus através da janela. O colar também tinha sumido.

Daquele dia em diante, entendi as histórias ancestrais que habitavam as ruas estreitas de Santana de Parnaíba sem imaginar que eu conheceria a fronteira entre o mundo dos homens e o reino do desconhecido. Ninguém nunca botou fé, ninguém acreditou em mim quando eu disse que eu vi, fogo… fogo vindo do céu!